

A Centelha



JORNAL DA ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Donativo Livre

Nº37 • FEVEREIRO/MARÇO • 2024

O FASCISMO NÃO SE DISCUTE!

**DERROTAR A DIREITA
NAS URNAS E COM A
LUTA DE CLASSES!**



Eleições legislativas: travar a direita nas ruas e nas urnas!



As eleições legislativas do próximo dia 10 de Março serão um marco importante na política em Portugal.

Será o ponto final do período de governação de António Costa que durou quase uma década. A continuidade do PS à frente do governo nacional está encostada às cordas, existindo assim uma possibilidade real dum governo de direita porventura conjuntamente com a extrema-direita.

As sondagens antecipam um crescimento eleitoral exponencial da extrema-direita, com a previsão do Chega, pelo menos, duplicar a votação das últimas legislativas de janeiro de 2022, nas quais obteve 7,4% dos votos. Isto poderá resultar numa bancada parlamentar de 35 a 50 fascistas de boca cheia. Numa data à beira das celebrações dos 50 anos da Revolução Portuguesa de 1974.

Este período pré-eleitoral está a ser pautado pelo acirrar da ofensiva reacionária em várias frentes.

A violência racista, xenófoba e LGBTIfóbica dispara. Estes crimes (registados) aumentaram 38% no último ano.

Foi convocada uma marcha por neoz nazis para perseguir e amedrontar imigrantes pobres e trabalhadores, maioritariamente lusos, pelo bairro da Mouraria em Lisboa — a zona de maior concentração de comércio e de população imigrante e não-branca na cidade. A ação imediata de várias organizações de esquerda com uma contra-manifestação no bairro impediu que este crime acontecesse. Apesar disso, com apoio e escolta da polícia, dezenas de neo-nazis desfilaram pela Baixa de Lisboa entoando ataques contra imigrantes.

O Congresso do Chega altamente propagandeado através do apoio dos media burgueses, no qual se voicerou em barda a demagogia mais reacionária e neo-fascista cada vez mais desavergonhada. Agitando o programa e bandeira da trilogia salazarista:

Deus, Pátria e Família. O forrobdó da extrema-direita teve tudo: um membro que antes de discursar se apresentou como «sou um homem, sou pai de família, sou avô, sou fascista», a apologia ao patriotismo e ao colonialismo português, o atirar da pequena-burguesia e trabalhadores brancos contra trabalhadores não-brancos e imigrantes, a defesa da família patriarcal, o ataque aos direitos das mulheres e pessoas LGBTI+ e às ativistas e organizações de esquerda.

Na frente mais institucional tivemos o Presidente Marcel Rebelo de Sousa a não promulgar a nova legislação que avançava com o direito à autodeterminação e à expressão de género nas escolas. Com certeza, expectante que um provável futuro governo de direita trave de vez estes avanços e conquistas da e para a juventude LGBTI+.

Qual a razão do crescimento eleitoral da extrema-direita?

O Chega foi oficialmente criado apenas em 2019 e entrou pela primeira vez no Parlamento nesse mesmo ano com 1 deputado e 1,3% dos votos. Em 2022, alcançou 7,3% e 12 deputados. As sondagens ao dia de hoje indicam um resultado entre 15% e 17%.

A queda do último governo de António Costa e o crescimento da extrema-direita e da sua ofensiva não estão de forma alguma desconectadas e dão-se num contexto económico, social e político concreto.

Numa altura em que vemos uma nova crise económica que se consolida a cada dia com o empobrecimento da classe trabalhadora e em alguns setores das camadas médias e com as desigualdades sociais são cada vez mais visíveis. Presenciamos também uma crise política em que o descrédito das instituições burguesas, a desconfiança da democracia parlamentar em várias camadas da sociedade se aprofundam assim como a instabilidade governativa.

No início deste ano, nenhuma das lide-

ranças dos governos em Portugal — Central, Regional dos Açores e Regional da Madeira — estava de pé. António Costa demitiu-se no início de novembro por causa do escândalo de corrupção no seio do seu governo. No final desse mesmo mês, José Manuel Bolieiro (PSD) nos Açores vê o Orçamento Regional chumbado com o fim da sua coligação de governo com toda a direita e extrema-direita. Em janeiro, caiu Miguel Albuquerque (PSD) na Madeira também com o estalar dum escândalo de corrupção.

Para entender a razão do crescimento da extrema-direita, é necessário identificar primeiro quem é a maioria da sua base social.

Tradicionalmente a pequena-burguesia, tanto urbana como rural, eram uma base sólida da direita conservadora. Mas agora estão a voltar-se para a extrema-direita.

Estas camadas médias estão abaladas pela instabilidade política e pela perda das velhas certezas do seu estatuto social e dos seus privilégios. Estas camadas lutam para não ficarem para trás num momento de crise generalizada. Não há dúvida de que as camadas médias que empobreceram estão furiosas e culpam a política e o sistema pela sua queda. Por outro lado, há uma camada de pequeno-burgueses nas grandes cidades que estão a encher os bolsos com o empobrecimento geral, e fazem-no graças à especulação imobiliária e ao crescimento do turismo com base na superexploração de trabalhadores imigrantes e na agricultura intensiva em situação de semi-escravatura.

O milagre económico liderado por António Costa na última década de “sucesso” atrás de “sucesso” de taxas de crescimento anual do PIB nacional de 2%-3%, tão destacada pela União Europeia, tem sobre si a precariedade laboral e os salários miseráveis. São condições de trabalho e de vida abusivas e indignas, sobretudo dos imigrantes, que estão por trás deste brilhante crescimento económico. E este milagre que consolida o con-

texto no qual se pode dar e dá o crescimento da extrema-direita.

Os dados do último relatório de “Quadros de Pessoal” do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social mostram como os negócios de milhares de pequenos e grandes empresários vivem da exploração de trabalhadores imigrantes. Lares de idosos, restaurantes, hotéis, estufas, obras... 44% do trabalho não qualificado na agricultura, pecuária e pesca é garantido por imigrantes. Um terço das cozinhas é ocupada por imigrantes. Metade dos estafetas entregadores de comida são imigrantes. Nas limpezas um quinto. Nos lares metade.

O Chega cavalga no discurso racista e xenófobo para falar ao ouvido da pequena-burguesia e também da fina camada mais politicamente atrasada da classe trabalhadora. A radicalização deste discurso dá resposta direta aos seus anseios.

André Ventura não está fora do sistema e muito menos é anti-sistema. Os seus irmãos e irmãs, não tão perdidos, pelo mundo mostram isso mesmo. Bolsonaro, Trump, Meloni, Milei...

Por tudo isto, um sector importante da burguesia nacional aposta no Chega e no seu crescimento como uma ferramenta para manter o controlo do sistema. Todo o destaque dos media burgueses e o financiamento que está a receber refletem isso. Assim como as saídas de dirigentes do PSD e da IL para as fileiras do Chega.

Contudo, a classe dominante não entra na luta com um esquema acabado; ajusta-o em função da profundidade da crise e do desenvolvimento específico dos acontecimentos: as mudanças repentinas na situação nacional e internacional, a sua capacidade de manter o controlo e conter as massas através de partidos tradicionais e líderes reformistas, etc.

Outra solução para a burguesia é a manobra do discurso social-democrata para retardar e conter a explosão social da juventude e dos trabalhadores. Por isso, Pedro Nuno Santos e o PS é outro dos principais trunfos da burguesia.

As eleições foram marcadas tão tardiamente para março para que o PS tivesse tempo de se reagrupar e eleger um novo líder, revelando assim também a falta de confiança da burguesia no PSD e na liderança de Luís Montenegro.

E Pedro Nuno tem passado nos testes da burguesia. Fez o feito de unir e conciliar o PS sobre si em poucos dias, num momento em que o PS podia ter entrado em crise. Conseguiu alcançar o apoio da ala mais à direita do partido, representada por Francisco Assis, que é cabeça de lista no Porto, e não isolar a ala de António Costa, mantendo as principais figuras costistas como cabeças de lista em vários distritos, assim como José Luís Carneiro, o seu adversário nas primárias internas. Fala diretamente para a classe trabalhadora e sobre as suas maiores dores: os salários, a habitação e os serviços públicos. Apesar de ter recuado o seu discurso mais de esquerda no período pré-eleitoral. E ataca de frente a direita e o racismo e xenofobia do Chega.

Este posicionamento de Pedro Nuno e o medo generalizado entre diferentes camadas da classe trabalhadora da eleição de um governo

reacionário que inclua a extrema-direita pode concentrar sobre si o voto generalizado à esquerda e captar também para si parte da base eleitoral do BE e do PCP.

Contudo, o programa político de Pedro Nuno não é novo e não é alternativa. É puramente social-democrata. O seu quase slogan de ser o neto do sapateiro e o filho do empresário é a síntese do seu propósito, a conciliação de classes.

Apesar das dificuldades que o PS enfrentou internamente como no governo — tanto as políticas de austeridade como os múltiplos escândalos de corrupção —, as sondagens recentes continuam a colocar o PSD muito colado ao PS nas intenções de voto. E sem um crescimento significativo face aos resultados da última década. Nem mesmo a tática desesperada de Luís Montenegro com formação da coligação Aliança Democrática em conjunto com o CDS e o Partido Monárquico — partidos sem representação parlamentar — para mostrar uma direita unida e com os antigos partidos que agregavam a pequena-burguesia mais reacionária está a resultar. O PSD tem estado em crise nos últimos anos. Parte do seu espaço político foi ocupado pela viragem à direita do PS. Outra parte foi ocupada pelo Chega, que ganhou a sua base social mais reacionária com a polarização social. Novamente, as saídas de dirigente do PSD para o Chega refletem isso mesmo e a desconfiança face à atual liderança.

Quais foram os resultados da Geringonça?

Do lado da classe trabalhadora a pobreza está a ser galopante e insuportável. Segundo dados de 2022 do INE, em Portugal, 17% da população tenta viver com menos de 591€, ou seja, cerca de 2 milhões de pessoas vivem com um rendimento, pelo menos, 30% mais baixo que o salário mínimo nacional (SMN). A percentagem real de pobreza é claramente bastante superior, quando nem com o SMN atual de 820€ é possível viver. A população sem-abrigo aumentou 78% nos últimos 4

anos, sendo que a maioria são imigrantes. Não é surpreendente, quando, por exemplo, em Lisboa o preço médio de uma renda equivale a quase dois SMN.

A alimentar ainda mais a situação de miséria e dificuldade de acesso à habitação, o Orçamento de Estado (OE) aprovado pelo PS (com a ajuda de Marcelo) incluiu um aumento das rendas em cerca de 7%, a partir do início deste ano. Este orçamento de Estado foi de terror contra a classe trabalhadora. Além disto, os serviços e infraestruturas estão em ruptura e as medidas do OE vão continuar a aprofundar este desastre, em particular, para o Serviço Nacional de Saúde que está em falência.

Mariana Mortágua e Paulo Raimundo insistem na mensagem da fulcralidade da política levada a cabo pelo BE e pelo PCP, respetivamente, para os “avanços” nas condições de vida da classe trabalhadora e o crescimento da economia durante os primeiros governos de António Costa que contavam com o apoio parlamentar dos seus partidos. A realidade social da juventude e trabalhadores choca de frente com a fantasia idealizada pelas direções destes partidos de esquerda que tentam justificar as decisões políticas erradas de paz social durante a última década. Não houve qualquer avanço significativo nas nossas condições de vida!

As suas políticas e táticas foram incorretas e fracassaram. A classe trabalhadora quando foi às urnas em janeiro de 2022 para eleger um novo parlamento passou esta mesma mensagem face à linha seguida por estas direções. O histórico eleitoral do BE e do PCP na última década é revelador disso mesmo.

Em 2015, após os anos de brutal austeridade da troika levada a cabo pelo governo de coligação do PSD com o CDS, o BE obteve 10,2% dos votos, um dos seus melhores resultados de sempre. Em 2019, após o primeiro mandato da geringonça, obteve 9,5%. Em 2022, teve uma queda brutal para 4,4%. Passou de 19 deputados a 5 deputados. As sondagens neste momento indicam um resulta-

do entre 7% e 8%.

O caso do PCP foi ainda mais desastroso. Em 2015, o PCP obteve 8,3% dos votos. Em 2019, 6,3%. Em 2022, 4,3%. Passando de 15 deputados para 6 deputados. As sondagens ao dia de hoje indicam um resultado entre 2% e 3%.

A paz social, com a desmobilização das ruas e as manobras parlamentares, levada a cabo direções do BE, PCP e CGTP neste período permitiram encobrir as políticas capitalistas do governo de António Costa e servir também para fortalecer a extrema-direita.

O único cordão sanitário é a luta de classes

Os comunistas revolucionários não desprezam as eleições, mas entendemos que nenhuma transformação social profunda virá de um Parlamento ou de um Governo que aceite as regras capitalistas.

Obviamente temos que nos mobilizar para barrar a extrema-direita e a reação nestas eleições. Não podemos facilitar o seu avanço em campo algum, inclusive nas urnas. A abstenção fará avançar e dará confiança a estes fascistas. Não é indiferente se governa PSD/Chega ou se governa a esquerda parlamentar. Não podemos dizer que os reacionários e os reformistas são iguais. Portanto, o voto nestas eleições tem de ser muito criticamente na esquerda parlamentar. Este voto não é de forma alguma um cheque em branco, é um voto para golpear os fascistas.

Se a direita chegar novamente ao governo, a sua ofensiva generalizada contra a classe trabalhadora e particularmente as mulheres, as pessoas LGBTI+, imigrantes, negras e não-brancas se irá intensificar. Todos os avanços legislativos e institucionais que conquistámos serão derrubados e serão inúteis para a deter. Como assistimos mundo afora, EUA, Itália, Argentina...

A política de estabilidade e responsabili-

dade face ao capitalismo e às instituições da democracia burguesa, levada a cabo pelas direções da esquerda reformista parlamentar, no período de António Costa, mostram como esta é uma tática que fálhou redondamente. A nossa condição de vida é uma miséria e está espalhada por cada recanto dos nossos bairros. O fortalecimento e perigo das forças da reação não é uma ilusão ou ficção distópica, é uma realidade.

É necessário a clareza que não podemos dar qualquer descanso aos capitalistas e à direita, mais ou menos fascista. Nem mais um passo atrás! Para isso, precisamos de um sindicalismo de combate, de um feminismo de classe e revolucionário e de um antirracismo e antifascismo que choque de frente com o sistema capitalista.

As direções PCP e do BE têm aqui uma nova oportunidade para corrigir os seus erros. A esquerda deve defender um programa que dê soluções aos problemas críticos da vida quotidiana de milhões de famílias da classe trabalhadora e, em segundo lugar, realizá-lo através da luta nas ruas, contando com os movimentos sociais e de bairro, na ação de trabalhadores e jovens de forma contundente.

O único caminho realista para a resolução dos nossos problemas, da nossa opressão é o absoluto poder da classe trabalhadora. É a defesa dum programa socialista que acabe com a propriedade capitalista, que exproprie os grandes monopólios e os bancos. Colocando desta forma todos os recursos da sociedade à nossa disposição para pôr fim à pobreza e fome da nossa classe que é a maioria da sociedade, que acabe com a ausência dum tecto e dum espaço privado, ou de cuidados de saúde básicos, incluindo mentais, para que dê acesso ao ócio e ao prazer e para que possamos salvar o planeta da destruição.

Mais do que nunca é o momento de organização e luta. Junta-te à Esquerda Revolucionária!



CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA DE EXTREMA-DIREITA EM PORTUGAL

Fábio A.
Esquerda Revolucionária

Temos vindo a assistir a uma crescente escalada na violência racista, xenófoba e lgbtifóbica por parte da extrema-direita nos últimos meses. A violência praticada dá-se a vários níveis, indo desde a intimidação e vandalização de uma loja de um imigrante Bangladeshi por grupos nazis em Guimarães, passando por agressões xenófobas e homofóbicas a um casal brasileiro no Porto e levando ao assassinato racista de Gurpreet Singh de 25 anos no seu próprio quarto em Setúbal.

A mais recente “proeza” da extrema-direita foi o anúncio de uma marcha anti-islâmica e anti-imigração com archotes, ao estilo fascista, no Martim Moniz em Lisboa, uma zona conhecida pela forte comunidade imigrante proveniente do hindustão, numa tentativa clara de intimidar esta camada particularmente explorada da classe trabalhadora imigrante.

Esta escalada vem atrelada ao crescimento eleitoral e da influência das forças de extrema-direita, especificamente do Chega que nas últimas sondagens da Universidade Católica gozava de 16% das intenções de voto, atrás apenas do PSD (29%) e PS (28%), e está perfeitamente enquadrada no clima de profunda polarização social e na resultante crise de credibilidade das instituições democráticas.

Outro fator é a cumplicidade do poder político e judicial com este tipo de violência. Os fascistas sentem-se legitimados para levar a cabo as suas campanhas de violência política e este crescimento é uma ameaça direta aos direitos democráticos conquistados, ao movimento operário em geral e às mulheres, pessoas LGBTQI+, imigrantes e juventude militante em particular.

Cumplicidade das instituições burguesas

Sabemos que os juízes constantemente encobrem e

protegem todo o tipo de agressores, machistas, racistas, homofóbicos, fascistas e em especial as forças de segurança. Tomemos um dos exemplos mais flagrantes, o caso dos sete GNR que em 2021 se filmaram a torturar trabalhadores imigrantes em Odemira. Lia-se no despacho: “Todos os arguidos agiram com satisfação e desprezo pelos indivíduos”. O que aconteceu a estes agressores? Dos sete, cinco voltaram ao trabalho sem qualquer repercussão, apenas um deles foi condenado a 6 anos de prisão efetiva e claro, não houve motivação racista.

Dentro do conjunto das instituições da democracia burguesa o aparelho judicial está longe de ser o único cúmplice, basta olhar para a reação inicial do Ministério da Administração Interna, da PSP e da Câmara Municipal de Lisboa ao anúncio da marcha fascista no Martim Moniz. Completa inação, fascistas marcharem pelos nossos bairros é perfeitamente aceitável para estes “democratas”. Só depois de anunciada a concentração contra esta marcha por grupos e ativistas antirracistas é que as autoridades acabaram por proibir, não por cumprimento da constituição mas precisamente porque a mobilização para a concentração antirracista foi ganhando tração e peso.

Este tratamento, por sua vez, contrasta claramente com as sanções que são aplicadas a ativistas antirracistas por “tweetarem” contra criminosos neonazis, como aconteceu com Mamadou Ba, ou com a repressão policial que é dirigida aos jovens estudantes ativistas por lutarem pelo nosso futuro, basta olhar para as detenções a mando dos reitores das universidades durante as ocupações pelo clima e para as humilhações que sofrem mais tarde nas esquadras, onde a PSP ordena que se dispam.

Nada disto é por acaso, os aparelhos do Estado são ferramentas de domínio de classe, servem a manu-

tenção do sistema capitalista. As forças de segurança e os bandos fascistas têm de se sentir confortáveis para levar a cabo a sua função de proteger a propriedade privada dos capitalistas, impedindo a organização da classe trabalhadora, atacando e perseguindo as minorias, pessoas imigrantes, LGBTQI+, mulheres, ativistas e militantes de esquerda. Para já as forças de segurança vão cumprindo bem o papel e estima-se que continuem — de notar a influência do Movimento Zero e do Chega nas suas fileiras.

Pequena-burguesia como base social da extrema-direita

Falávamos do crescimento da extrema-direita estar ligado à crise da credibilidade das instituições democráticas, após a recessão de 2008 a austeridade despertou avanços importantes na consciência antissistema de amplas camadas da classe trabalhadora e na esquerda reformista, que cresceu eleitoralmente fruto dessa radicalização. Mas foi a traição destes movimentos pela esquerda reformista, quer pelas políticas de conciliação de classes e paz social, pela submissão às continuadas políticas de austeridade e de precariedade que permitiu à extrema-direita crescer, angariando apoio junto da classe dominante e da pequena-burguesia.

Temos o exemplo do Chega, que tenta apresentar-se como sendo antissistema, tendo nascido de um dos maiores partidos do sistema, o PSD, onde ultimamente tem havido uma debandada de deputados, dirigentes e militantes para o Chega, e como se não chegasse é financiado por grandes figuras do capitalismo português, como os Mello e Champalimaud, famílias influentes desde os tempos do fascismo.

Há também o fator da comunicação social burguesa, que ao mesmo tempo que abafa os casos de violência racista e xenófoba,

branqueia e amplifica o tempo de antena do Chega. Ventura é o político com mais tempo de antena a seguir aos do Governo, a agenda está naturalmente alinhada com os interesses dos capitalistas donos destes órgãos como Pinto Balsemão (Grupo Impresa) ou Mário Ferreira (Media Capital). Não podemos esperar que sejam estes a escrutinar e a desmontar a demagogia fascista do Chega, obviamente.

Quem está encorajada e determinada é uma parte da pequena-burguesia, que vê na extrema-direita uma aposta de força, uma garantia de estabilidade, precisa dela e da violência que esta exerce contra os imigrantes, os seus negócios e estilo de vida dependem da superexploração dos imigrantes, na hotelaria, no turismo, nas entregas, na habitação, trata-se de uma questão de vida ou morte, sem isto terão de se juntar à massa da classe trabalhadora.

Este é o fator económico fundamental por detrás deste crescimento, ao intensificar os ataques contra as camadas mais vulneráveis da classe trabalhadora e usando-as como bode expiatório, a burguesia para além de aumentar a exploração e o seu lucro imediato nos setores da construção, da agricultura, mais importantemente afunda o salário médio e generaliza a precariedade, ou seja, está livre para colher os benefícios da classe trabalhadora dividida. Utiliza assim os seus demagogos fascistas para atirar a pequena-burguesia contra a classe trabalhadora.

O fascismo combate-se nas ruas!

Zero confiança no Estado burguês! Está visto que não podemos contar com as instituições, apenas podemos confiar nas nossas forças, na classe trabalhadora e juventude organizada para combater o fascismo.

Basta de ceder terreno, de permitir aos fascistas que ocupem as ruas e nos ataquem. As ruas são nossas! É preciso mobilizar massivamente a juventude e a classe trabalhadora para as ruas, organizar comités de bairro para a nossa defesa e levantar um programa socialista que acabe com o fascismo de vez!



ARGENTINA: Primeira derrota de Milei; a “lei Omnibus” caiu mas os ataques continuam

Miguel Campos
Esquerda Revolucionária Internacional

Há força para vencer: continuar a luta com uma greve geral de 48 horas

“Milei sem lei”, “Marcha atrás”, “Da vitória ao fracasso num dia”... as manchetes dos principais meios de comunicação argentinos refletem a perplexidade da classe dominante depois do governo liderado pelo fascista Javier Milei ter sido forçado, a 7 de fevereiro, a retirar a “lei Omnibus”, a sua grande aposta e o maior ataque aos direitos democráticos e sociais das últimas décadas.

Esta viragem abrupta só pode ser compreendida quando olhamos para a alteração da correlação de forças resultado do êxito que foi a greve geral de 24 de janeiro. O passeio militar sem obstáculos com que sonhavam Milei, os seus aliados Macri e Bullrich e os Conselhos de Administração dos grandes bancos e empresas que ditam a agenda ultraliberal e totalitária do governo transformou-se num pesadelo de mobilizações constantes. O desafio, dia após dia, à implementação do seu protocolo anti-protesto e à brutal repressão policial, mudou o panorama por completo.

A lei que já tinham aprovado caiu por terra

A surpresa e a inquietação nas fileiras da oligarquia argentina são ainda maiores porque a lei, que modificava centenas de normas legais, desmantelando o Estado, conferindo poderes especiais a Milei para impor por decreto medidas económicas, fiscais, de segurança e outras, e que também privatizava dezenas de empresas públicas e reduzia a cinzas uma boa parte dos direitos laborais e sociais conquistados pelo movimento operário, tinha sido aprovada de forma genérica poucos dias antes, a 2 de fevereiro.

No último momento, novas e inesperadas exigências de redução dos seus poderes especiais por parte dos seus aliados da véspera fizeram com que tudo se desmoronasse.

Os governadores e os dirigentes da UCR partilham a necessidade de atacar implacável o movimento operário e a esquerda, levar

avante privatizações e a entrega dos recursos do país às multinacionais imperialistas. Mas temendo que a agitação social possa provocar revoltas como a que já sacudiu a região de Jujuy em junho do ano passado, exigiram que Milei participasse na gestão do imposto PAIS, nas privatizações e que obtivessem mais financiamento para si mesmos.

A resposta de Milei à limitação do seu poder e à possibilidade de uma derrota humilhante na votação parlamentar, se esta fosse feita artigo a artigo, foi retirar o projeto de lei na sua totalidade. E fê-lo lançando todo o tipo de insultos e ameaças aos seus aliados e afirmando que irá prosseguir com as suas medidas de qualquer forma.

A política de Milei agrava a crise económica e desencadeia a mobilização social

Em apenas dois meses de governo deste fascista, que se apresentou como o “salvador da pátria”, a hiperinflação já ultrapassou os 200% (a mais alta do mundo!) e as vendas nos supermercados caíram 30%, tal como as “vendas fronteiriças”, o comércio com os países vizinhos aproveitando a desvalorização do peso que se tornou a tábua de salvação de muitas empresas e dos governadores de algumas regiões fronteiriças.

Como resultado da vertiginosa deterioração económica, o apoio a Milei caiu dos 56% com que ganhou as eleições presidenciais para 40%, o declínio mais rápido registado por um presidente argentino nos seus primeiros 60 dias de mandato. A rejeição dos Decretos de Necessidade e Urgência (DNU) e da lei Omnibus ultrapassa os 50% de acordo com diferentes sondagens e, tal como demonstraram as manifestações de massas que acompanharam a greve geral de 24 de setembro, o descontentamento não se concentra apenas em Buenos Aires. Nas cidades e regiões do interior, onde Milei obteve mais de 60% dos votos, o protesto é também massivo e a sua imagem está a degradar-se rapidamente.

Tudo isto antes de que os piores efeitos das medidas que está a impor atinjam milhões de pessoas de forma ainda mais direta. Sete

milhões de utentes dos transportes públicos de Buenos Aires e da sua área urbana viram as tarifas dos autocarros aumentar 251% e as dos comboios subirem entre 168% e 247%, consoante o serviço.

O congelamento das obras públicas decretado pelo governo significará, segundo a Câmara da Construção, a destruição de pelo menos 200.000 postos de trabalho nos próximos meses, dos 500.000 que gera o sector. A tudo isto juntam-se os milhares de despedimentos na Administração Pública e de diferentes empresas públicas e os cortes nos serviços sociais, na saúde e na educação, que já estão a resultar em medidas tão criminosas e escandalosas como o fim de ajudas sociais a doentes oncológicos e outras doenças graves.

Greve geral de 48 horas já!

O fantasma da agitação social volta a pairar sobre a Argentina. Os confrontos no seio da classe dominante respondem precisamente a diferenças tácticas quanto à forma de lidar com a mobilização social e de partilhar os despojos. As decisões judiciais que invalidam partes de alguns decretos de Milei ou os apelos para suavizar algumas das suas medidas no parlamento apenas procuram conter a pressão social e enganar o povo. Para isso, contam também com a inestimável colaboração da burocracia sindical.

Mas é precisamente agora que o governo sofreu a sua primeira derrota, e de forma turbulenta, logo após a classe trabalhadora argentina ter mostrado a sua força com a greve geral, que é mais urgente e imprescindível manter e intensificar a mobilização nas ruas. Se este momento não for aproveitado, Milei não hesitará em voltar à carga com maior crueldade e violência.

Durante a greve geral de 24 de janeiro e as subsequentes mobilizações em frente ao Parlamento contra a lei Omnibus, reapareceram formas de organização do movimento, como as assembleias de bairro, recordando as tradições do *Argentinazo*.

A esquerda, os sindicatos combativos, o movimento *piquetero* e os movimentos sociais

desempenharam um papel fundamental na promoção destes métodos. A combatividade e a resistência das mobilizações contra a lei em frente ao Parlamento também abriram divisões no seio dos sindicatos e da esquerda peronista.

Enquanto os sectores mais corruptos e mais à direita da burocracia sindical mantinham negociações secretas com o governo para travar a luta em troca de concessões nas quotas sindicais e outros privilégios, milhares de militantes de base da CGT, da CTA e da esquerda peronista participaram nas mobilizações juntamente com a esquerda combativa, sofrendo e enfrentando a repressão. A pressão vinda de baixo levou mesmo alguns dirigentes a fazer declarações defendendo a necessidade de continuar a greve geral.

Esta é uma excelente oportunidade para apresentar uma política revolucionária de frente única. A palavra de ordem do momento tem de ser *Greve Geral de 48 horas já!* A esquerda que se declara revolucionária tem que chamar as bases e os dirigentes peronistas a lutar juntos. Há que exigir aos dirigentes da CGT, das duas CTAs e da UP que convoquem esta greve geral, que votem e a organizem através de assembleias em todos os locais de trabalho como parte de um plano de luta sustentado e ascendente até que se imponha a retirada total e definitiva da lei Omnibus, da DNU e de todos os outros ataques e medidas do governo, explicando que só assim se evitará a ameaça mortal que representam as políticas de um fascista como Milei.

Ao mesmo tempo, é preciso impulsar comités de ação e assembleias de bairro, de trabalhadores e populares para organizar a greve e a autodefesa contra a repressão da polícia e dos bandos fascistas.

E afirmar clara e decisivamente que a única alternativa que pode enfrentar a crise e resolver os problemas da grande maioria é um programa socialista que inclua a expropriação dos bancos, da terra e das grandes empresas sob a gestão democrática da classe trabalhadora.



A ASCENSÃO GLOBAL DA EXTREMA-DIREITA.

Uma análise a partir do marxismo revolucionário.

Esquerda Revolucionária Internacional

A caracterização da ascensão dos movimentos populistas e de extrema-direita tem gerado inúmeras polémicas entre as fileiras da esquerda, tanto quando se trata de compreender a natureza desse avanço como dos seus vínculos com as classes dominantes e as semelhanças e dissonâncias que apresenta com o fenómeno fascista da década de 1930.

Para lançar luz sobre este fenómeno, importa aprofundar as causas que alimentam a sincronia que observamos no crescimento de partidos e organizações cuja existência há duas ou três décadas era extraordinariamente marginal ou simplesmente não apareciam no horizonte político. Então, o que mudou? Quais são as forças motrizes por detrás dessas transformações que sacodem a cena política, mediática e cultural em todo o mundo?

Em primeiro lugar, é impossível compreender o que está a acontecer sem considerar a aguda polarização social e política no mundo capitalista e a consequente crise de credibilidade na democracia burguesa; em segundo lugar, o crescimento eleitoral e a influência social da extrema-direita, quaisquer que sejam as suas variantes, representa uma ameaça que visa diretamente os direitos democráticos, o movimento operário, a juventude organizada e militante e a luta pela libertação da mulher. Em suma, hoje como no passado, estas forças são uma vanguarda de luta para desmantelar e esmagar a esquerda e todos aqueles que lutam pelo socialismo.

A partir da Grande Recessão de 2008, as brutais políticas de austeridade e o crescimento da desigualdade e da precariedade promoveram reagrupamentos muito importantes à margem da social-democracia oficial e divisões no seu seio. Os casos de Jeremy Corbyn no Partido Trabalhista, ou de Bernie Sanders no Partido Democrata e o DSA, mas sobretudo a emergência do Syriza na Grécia, do Podemos no Estado espanhol, do Die Linke na Alemanha, do Bloco de Esquerda em Portugal, ou da France insoumise... todos foram, de uma forma ou de outra, a expressão eleitoral da viragem à esquerda de amplos setores da juventude e dos trabalhadores e da radicalização das lutas sociais e dos trabalhadores.

A consciência de que era necessário enfrentar o sistema deu um enorme passo em frente, embora a maioria destes movimentos e formações fossem liderados pela pequena-burguesia ilustre, geralmente do espaço universitário, com uma atitude extremamente hostil às ideias do marxismo.

Paralelamente aos avanços desta esquerda reformista, as forças populistas e de extrema-direita iam ganhando crescente apoio de massas nos EUA, na América Latina e na Europa, fortalecendo os seus vínculos com o aparelho de Estado e conseguindo um apoio significativo entre as classes dominantes.

Quando as hostes de Trump invadiram o Capitólio em janeiro de 2021, houve organizações que quiseram encerrar a questão ao qualificar o evento de motim e menosprezar-

do Trump como um *outsider* político. Ainda hoje, estas mesmas organizações falam da “ala Trump” do Partido Republicano, quando é inquestionável que o ex-presidente e os seus apoiantes dominam sem qualquer competição um dos dois partidos fundamentais da classe dominante estado-unidense.

É claro que a classe dominante estado-unidense não quer atualmente uma ditadura fascista que suprima as eleições para o Congresso e esmague partidos e organizações de esquerda através da violência. Se tentasse algo semelhante, o risco de uma guerra civil materializar-se-ia. Mas isto, está claro, não exclui que a extrema-direita se esteja a fortalecer, trabalhando seriamente para ampliar uma legislação cada vez mais reacionária e contrária aos direitos e liberdades democráticas, incentivando a repressão e a violência por parte do Estado com todo o tipo de medidas bonapartistas e a armar as suas milícias paramilitares para a luta nas ruas.

Não estamos perante uma derrota esmagadora da classe trabalhadora, como ocorreu nos anos 20 e 30 em Itália, na Alemanha, na Áustria ou no Estado espanhol, mas o que nos importa aqui é compreender para onde apontam as tendências fundamentais. E a direção destas é evidente: a extrema-direita, mesmo com um discurso abertamente fascista para as condições atuais, está a fortalecer-se em todo o mundo.

Insistir, para consolar uma militância pouco formada, que o fascismo é impossível

na época em que vivemos porque a classe trabalhadora é a maioria da sociedade e os pequenos proprietários agrícolas e o campesinato viram o seu número reduzir-se é descartar as lições da história.

A Alemanha tinha a classe trabalhadora mais forte e mais educada da Europa e tinha as organizações políticas e sindicais mais poderosas, incluindo formações de combate massivas. E no final, a burguesia entregou o poder aos nazis face à paralisação do proletariado, desmoralizado pelas políticas dos seus dirigentes social-democratas e estalinistas. O que aconteceu a seguir é bem conhecido.

O marxismo não é um exercício académico, mas um guia para a ação. O nosso método é o mesmo que Lenin e Trotsky aplicaram para analisar o desenvolvimento do fascismo nas décadas de 1920 e 1930, dialético e vivo, e baseia-se em aproximações sucessivas. Lenin e Trotsky consideraram a profundidade da crise capitalista e a precarização e deterioração das condições de vida das massas, tanto da classe trabalhadora como das camadas mais baixas da pequena-burguesia, como uma condição indispensável para o desenvolvimento do fascismo.

“Os grandes fenómenos políticos têm sempre causas sociais profundas. O declínio dos partidos ‘democráticos’ é um fenómeno universal que tem as suas razões no declínio do próprio capitalismo”, escreveu Trotsky em *Para onde vai a França?*

“Atualmente, as mesmas leis operam em todos os países: as da decadência capitalista.

Se os meios de produção permanecerem nas mãos de um pequeno número de capitalistas, não haverá salvação para a sociedade. Está condenada a passar de crise em crise, de miséria em miséria, de mal a pior. Em diferentes países, as consequências da decrepitude e da decadência do capitalismo expressam-se de diversas formas e com ritmos desiguais. Mas a substância do processo é a mesma em toda parte. A burguesia levou a sua sociedade à falência total. Não é capaz de garantir ao povo nem pão, nem paz. É precisamente por isso que não pode apoiar a ordem democrática por muito mais tempo. É obrigada a esmagar os trabalhadores com a ajuda da violência física.

Mas o descontentamento dos trabalhadores e dos camponeses não pode ser eliminado apenas através da polícia. Enviar o exército contra o povo torna-se impossível: este começa a decompor-se e termina com a passagem de grande parte dos soldados para o lado do povo. Por esta razão, o grande capital é forçado a criar bandos armados particulares, especialmente treinados para atacar os trabalhadores, como certas raças de cães são treinadas para atacar as presas. A função histórica do fascismo é esmagar a classe trabalhadora, destruir as suas organizações, sufocar a liberdade política, quando os capitalistas já se sentem incapazes de dirigir e dominar com a ajuda da máquina democrática.

O fascismo encontra o seu material humano sobretudo no seio da pequena-burguesia. Esta está totalmente arruinada pelo grande capital. Com a atual estrutura social, não há salvação. Mas não conhece outra saída. O seu descontentamento, a sua indignação, o seu desespero são desviados pelos fascistas do grande capital e dirigidos contra os trabalhadores. Pode-se dizer que o fascismo é uma operação para colocar os cérebros da pequena-burguesia ao serviço dos interesses dos seus piores inimigos. Assim, o grande capital primeiro arruína as classes médias e depois, com a ajuda dos seus agentes mercenários, os demagogos fascistas, dirigem a pequena-burguesia, imersa no desespero, contra o proletariado. É apenas através de tais procedimentos que o regime burguês consegue manter-se. Até quando? Até que ele seja derrubado pela revolução proletária.”¹

A classe dominante não entra na luta com um esquema acabado; ajusta-o em função da profundidade da crise e do desenvolvimento específico dos acontecimentos: as mudanças repentinas na situação nacional e internacional, a sua capacidade de manter o controlo e conter as massas através de partidos tradicionais e líderes reformistas, etc.

A burguesia dos anos 20 e 30 do século passado não entregou o poder a Hitler ou a Mussolini como parte de um plano pré-concebido, mas sim com relutância, após anos de luta de classes e quando chegou à conclusão de que era a única opção que restava para preservar o seu sistema e esmagar a revolução. Nesse período de tempo, como também vemos hoje, existiam fortes divisões no seu seio quanto à melhor política a adoptar a cada momento.

¹ Leon Trotsky, *Para onde vai a França?*, Fundación Federico Engels, pág. 26.

Estas fraturas e choques foram manipulados por Stalin e pelos dirigentes social-democratas: fizeram crer às massas que estavam a responder às diferenças entre um setor democrático e um setor fascista dentro da classe dominante. Na realidade, eram divisões táticas. Por exemplo, a classe dominante britânica apoiou Franco em todos os momentos da guerra civil, lutou até ao fim para apaziguar Hitler mas, finalmente, devido aos seus interesses imperialistas ameaçados, teve de combater o nazismo. A burguesia francesa resistiu com unhas e dentes a participar na guerra civil espanhola apoiando a República, mas ao contrário do que fizeram os britânicos, capitulou ao nazismo sem oferecer a menor resistência militar.

Antes de chegar a um governo fascista, ou de corte fascista, ocorrem diferentes etapas. Em Para onde vai a França, Trotsky explica a relação dialética entre o bonapartismo e o fascismo: “Na França, o movimento da democracia em direção ao fascismo ainda está na sua primeira fase. O Parlamento existe, mas já não tem os poderes de outros tempos e nunca mais os recuperará. Morta de medo, a maioria do Parlamento recorreu, depois do 6 de fevereiro [de 1934], a Doumergue, o salvador, o árbitro. O seu governo coloca-se acima do Parlamento. Não se apoia na maioria ‘democraticamente’ eleita, mas direta e imediatamente no aparelho burocrático, na polícia e no exército...”²

Não estamos a afirmar que existam governos abertamente bonapartistas em qualquer nação capitalista ocidental importante. Mas seria uma estupidez não ver que as tendências bonapartistas estão a tornar-se mais pronunciadas em todas elas, e que isto representa um perigo muito sério para a classe trabalhadora. A atitude do Governo Macron para enfrentar as mobilizações da classe trabalhadora este ano é uma boa prova do que dizemos.

As abstrações e esquemas sobre a impossibilidade do fascismo, ridicularizando o perigo real do avanço da extrema-direita neste momento, constituem um apelo à inação, para acalmar os ativistas com palavras bonitas cobertas de retórica pseudo-marxista. É a posição dos centristas e reformistas de esquerda, nos antípodas do marxismo revolucionário.

A extrema-direita na Europa

Que o avanço da extrema-direita se está a tornar num fenómeno global é óbvio, mas no velho continente isso torna-se mais claro a cada dia. Este fortalecimento não pode ser explicado por um único fator, mas pela combinação de vários, tanto objetivos como subjetivos.

A crise aguda da sociedade europeia, com taxas de empobrecimento sem precedentes em muitas décadas, desigualdade e cortes sociais que deixaram os serviços públicos depauperados em numerosos países, estão

² *Ibidem*, pág. 27.

por trás da desconfiança geral em relação à democracia parlamentar.

Neste quadro, a direita tradicional tem sofrido os ataques de formações populistas e de extrema-direita e, para enfrentá-la, adoptaram as mesmas políticas em áreas muito sensíveis: legislação anti-laboral e reformas laborais selvagens, medidas racistas anti-imigração que causam dezenas de milhares de mortos³, um discurso sexista e homofóbico, nacionalista, chauvinista e supremacista, a recuperação dos antigos símbolos de propriedade, família e tradição, além de uma hostilidade raivosa contra a esquerda. É o mesmo fenómeno no Estado espanhol, em Portugal, em França, na Alemanha, Itália, Suécia, Finlândia, Noruega...

Portanto, a primeira coisa que temos que destacar é que são os partidos tradicionais da burguesia que estão a facilitar o fortalecimento eleitoral da extrema-direita, e onde mais resistem é porque lhes roubaram o discurso (como é o caso do PP espanhol face ao avanço do Vox).

O segundo factor é a submissão da social-democracia tradicional a estas políticas onde quer que governem ou quando estão na oposição. O espectáculo do presidente social-democrata da NATO com o seu palavrado militarista, as declarações selvagens de Borrell como porta-voz da política externa da UE a favor do regime de Zelensky ou qualificando de selva o resto do mundo não europeu, são exemplos impressionantes, mas há milhares de outros. Em suma, a social-democracia funde-se com a direita conservadora em todos os “assuntos de Estado”, e os seus patéticos apelos a um “cordão sanitário” contra a extrema-direita falharam redondamente.

O terceiro factor, muito importante pelas expectativas que frustrou, é a bancarrota das formações da nova esquerda reformista, tendo o colapso do Syriza⁴ e do Podemos como os exemplos mais proeminentes, e que analisamos em inúmeros artigos, documentos e declarações. A estratégia de colaboração de classes e o seu ministerialismo levaram-nos a um beco sem saída. O comportamento deplorável do Die Linke ou da France insoumise face ao genocídio sionista em Gaza é um exemplo do qualõ longe chegaram na sua degeneração política.

A base de massas das novas formações de extrema-direita está a crescer subs-

tancialmente na frente eleitoral. As suas organizações de combate de rua ainda são pequenas, mas existem e atuam contra a esquerda militante, embora neste momento a função punitiva seja desempenhada perfeitamente pela polícia, bem abastecida de quadros fascistas muito ativos e com uma base cada vez mais fanática.

A pequena-burguesia urbana e rural está a voltar-se para estas formações. Tradicionalmente, eram uma base sólida da direita conservadora, mas agora estão completamente abaladas pela instabilidade política e pela perda de velhas certezas. Estes setores lutam para não ficarem para trás num momento de crise geral. Não há dúvida de que as camadas médias que empobreceram estão furiosas pela perda de estatuto social e culpam a política e o sistema pela sua queda. Isto é uma parte. A outra é que milhões de pequeno-burgueses estão a encher os bolsos no meio do empobrecimento geral, e fazem-no graças à especulação imobiliária, à expansão do turismo nos países do sul da Europa e, especialmente, à exploração implacável da classe trabalhadora imigrante no velho continente.

Portanto, o papel da extrema-direita em alimentar a sua demagogia contra os imigrantes desempenha um papel político e económico de primeira ordem. Para a pequena-burguesia exploradora, manter estes sectores em condições de opressão máxima é uma questão de “vida ou morte”. É o seu estilo de vida que está em jogo. A este interesse material junta-se outro aspecto. Confrontados com a paz social patrocinada pelos grandes sindicatos de classe, os empregadores utilizam a imigração para erodir os direitos laborais, afundar ainda mais o salário médio e generalizar a precariedade. E a esquerda institucional colabora ativamente com esta estratégia de divisão nas fileiras do movimento operário ou adere ao mais desprezível discurso avermelhado.

Sem subestimar a enorme força objetiva da classe trabalhadora e da juventude, a luta contra a extrema-direita e a reação não é um aspecto secundário. Sabemos que a luta contra o fascismo não será resolvida pelo peso numérico do proletariado, mas pela capacidade da sua vanguarda em construir uma organização revolucionária comprovada e com uma influência decisiva entre as massas.

Lê o artigo completo aqui:



³ A receita europeia contra a imigração: Morte, tortura e campos de concentração; *Izquierda Revolucionaria*, Estado espanhol. Disponível em esquerdarevolucionaria.net
⁴ Colapso do Syriza e greve geral. A luta nas ruas aumenta; *Izquierda Revolucionaria* Estado espanhol. Disponível em esquerdarevolucionaria.net

GENOCÍDIO EM GAZA: O POVO PALESTINIANO SÓ PODE CONTAR COM A SOLIDARIEDADE INTERNACIONALISTA

Víctor Taibo
Comissão Executiva da *Izquierda*
Revolucionaria · Estado espanhol

O massacre desencadeado pelo governo sionista, colonialista e fascista de Netanyahu contra o povo palestino continua sem tréguas. Depois de arrasar o norte de Gaza, cercar os poucos hospitais que ainda funcionam com franco-atiradores e restringir o seu acesso a água, comida e medicamentos, a ofensiva militar continuou impiedosamente na cidade de Khan Younis, no sul, a menos de 10 quilómetros de Rafah, uma cidade na fronteira com o Egito onde centenas de milhares de habitantes de Gaza em fuga estão amontoados, cerca de 12.000 por quilómetro quadrado.

A violência genocida desencadeada pelo Estado sionista procura reduzir a Faixa de Gaza a cinzas e, se possível, expulsar a sua população para o Egito, a fim de anexar definitivamente o território. O que parecia um sonho dos sectores mais lunáticos e supremacistas da ultradireita sionista, recorrendo à limpeza étnica e métodos típicos dos regimes fascistas durante a década de 1930, está a tornar-se realidade.

Um sonho que os sectores mais fanáticos dentro do governo e da cúpula militar, que estão a marcar o tom, querem concretizar ao deslocar a população palestina da Cisjordânia e alargar a sua intervenção militar ao sul do Líbano, até ao rio Litani, como já ameaçaram. O objetivo é óbvio: expandir as fronteiras e completar o seu projeto imperialista da Grande Israel.

O regime sionista impõe terror nazi

Os números desta destruição bárbara são insuportáveis. Quase 30.000 pessoas foram mortas, 1,4% da população, 90% civis e mais de 10.000 crianças, muitas sob os escombros; mais de 50.000 feridos e 1,85 milhões de deslocados, praticamente toda a população de Gaza. Dezenas de milhares de casas destruídas e centenas de milhares de famílias palestinianas sem abrigo em pleno inverno. 89 jornalistas mortos, mais do que em qualquer conflito anterior, procurando silenciar o genocídio perante o mundo. Devido à ausência de alimentos e à destruição de hospitais e serviços de saúde, uma perspectiva de fome e epidemias que ameaça o extermínio em massa. Como salientou a ONU, estamos perante um cenário apocalíptico.

Mas esta estratégia de Israel, como a de qualquer regime fascista e militarista, não é

uma coincidência, nem o resultado da loucura dos sectores mais fanáticos, mas uma política calculada que procura gerar o máximo terror e a máxima comção, de modo a atingir todos os seus objetivos o mais rapidamente possível.

Não são apenas os partidos ultraortodoxos de extrema-direita que apelam ao extermínio aberto dos palestinianos, é também o Likud, um partido de direita tradicional que partilha uma Internacional [União Democrática Internacional] com a CDU alemã, o Partido Conservador Inglês ou o PP no Estado espanhol, cujos líderes também falam abertamente em provocar uma nova Nakba. Trata-se da cúpula do exército, de amplos sectores da burguesia que querem fazer negócio com a limpeza étnica, e a própria oposição liberal e secular que se integrou ao governo com Netanyahu ou que se manteve de fora, mas sem questionar as ações genocidas do exército israelita em Gaza.

Esta estratégia de terror está a conduzir, tal como publicado pelo diário Hareetz e confirmado pela organização de direitos humanos Euro-Med Human Rights Monitor, a execuções de prisioneiros de guerra e civis capturados em Gaza ou ao enterro de pacientes e feridos de um hospital ainda vivos, como denunciado pela ANP. Crimes de guerra tão atrozes que lembram cada vez mais o *modus operandi* das Waffen SS na Europa Oriental, na sua campanha de extermínio contra judeus, ciganos, russos, polacos, etc.

Também na Cisjordânia, prossegue o assédio e o assassinato de palestinianos às mãos de falanges fascistas de colonos ou através de incursões militares a cidades e campos de refugiados. Uma ofensiva que desde 7 de outubro já matou 301 palestinianos, 73 dos quais menores de idade, impondo o terror em todo o território ocupado.

Um genocídio apoiado e financiado pelos EUA e pela Europa

Todos estes crimes podem ser cometidos com total impunidade pelo governo de Netanyahu, porque tem o forte apoio da Administração Biden, dos governos da UE e europeus, e também das ditaduras corruptas do mundo árabe. Sem este apoio, que implica manter todas as relações económicas e comerciais com Israel, e o fornecimento massivo de equipamento militar e matérias-primas decisivas para manter a ofensiva, este massacre não seria possível.

As declarações de Biden ou Blinken a favor de que Israel realize operações mais “cirúrgicas” e evite mortes “desnecessárias” de civis, ou sobre a necessidade de respeitar a solução de dois Estados e garantir que Gaza volte às mãos da ANP, mostram que mesmo os seus aliados mais fiéis percebem a dimensão do genocídio. Mas mesmo estes apelos, carregados de hipocrisia e cinismo desprezível, caíram em saco roto.

O governo de extrema-direita de Netanyahu sabe muito bem que necessita deles e que tem liberdade para agir como queira porque, como disse Alexander M. Haig, secretário de Estado sob Reagan, “Israel é o maior porta-aviões estado-unidense”. Para além de alguns confrontos verbais, o apoio diplomático dos EUA, travando qualquer resolução na ONU, e a sua vasta ajuda económica, continua e continuará inabalável.

Todos os anos, a administração estado-unidense garante 3,8 mil milhões de dólares a Israel, o maior beneficiário da sua ajuda em décadas. Mas agora, a meio desta ofensiva genocida, o Congresso e o governo de Biden aprovaram mais 14 mil milhões para sustentar a ofensiva militar em Gaza, o equivalente a 22% do orçamento militar israelita para 2023 (63 mil milhões). É óbvio que, se os EUA quisessem, o massacre cessaria de imediato.

O mesmo se pode dizer da UE e dos governos europeus. As lágrimas de crocodilo de Borrell ou Pedro Sánchez, e os seus discursos

vazios sobre quão insuportáveis são as mortes de civis, não impediram a manutenção de todos os acordos e negócios com Israel, nem a exportação de equipamento militar para esmagar o povo palestino.

Pelo contrário! Ainda esta semana ficámos a saber que os EUA estão a preparar uma operação para garantir a navegação através do Mar Vermelho, face aos ataques dos houthis do Iémen, na qual participaríamos os principais governos europeus, incluindo Itália, França, Holanda e Estado espanhol! Ou seja, uma operação militar para garantir que Israel possa continuar a massacrar o povo palestino com total impunidade.

As constantes declarações sobre o direito de Israel a defender-se, que Pedro Sánchez [e António Costa] também fez, e as visitas de todos os líderes europeus para se encontrarem com Netanyahu, forneceram um apoio político crucial, legitimando este criminoso de guerra.

Uma política de apaziguamento que não é muito diferente da seguida pelas potências ditas “democráticas” europeias, França e Grã-Bretanha, e também pelos Estados Unidos, face à ascensão de Hitler, permitindo-lhe, para além de algumas críticas verbais, conquistar os Sudetos, apoiar Franco, invadir a Áustria, impor uma sangrenta ditadura militar fascista, perseguir e massacrar os judeus, militantes de esquerda e outras minorias, como os ciganos, para se rearmar até aos dentes preparando o massacre da Segunda Guerra Mundial, e tudo isto sem qualquer tipo de resistência por parte das democracias ocidentais da época.

Nem os países árabes, nem o Irão, nem a China são aliados do povo palestino

Mas Netanyahu e os seus parceiros fascistas não contam apenas com o apoio ocidental. Beneficiam também da política colaboracionista dos governos árabes, que mais uma vez não levantaram um dedo pelo povo palestino, e da total passividade do imperialismo chinês e russo, que faz gestos diplomáticos na ONU, mas a única coisa que procuram é continuar a fazer bons negócios na zona, consolidar os seus acordos comerciais e evitar uma escalada militar a todo o custo.

Os ataques dos houthis no Mar Vermelho, apesar das suas limitações, evidenciam as dificuldades que o sionismo e o imperialismo estado-unidense podem enfrentar. A suspensão do tráfego marítimo através do estreito de Bab el Mandeb, por onde passam 12% do comércio marítimo mundial e 30% do tráfego de con-

teutores, está a tornar-se um problema grave, aumentando os custos de transporte em 40%, uma vez que tem de contornar África. Um pesadelo particularmente crítico para o governo egípcio, que depende do Canal de Suez para financiar a sua economia em ruínas.

Se os países árabes, a OPEP e a Rússia propusessem um embargo de petróleo e gás a Israel, aos EUA e à Europa, estariam em posição de forçar uma trégua e evitar novas atrocidades por parte do Estado sionista. Mas não é o caso. Quanto ao Irão ou ao Hezbollah no Líbano, estamos perante governos e organizações fundamentalistas e burgueses, ligados a potências imperialistas como a China e a Rússia, e que defendem, acima de tudo, os seus interesses empresariais e geoestratégicos, reprimindo violentamente os seus povos quando se levantam exigindo direitos democráticos e justiça social.

A causa do povo palestino nunca encontrará solução se se subordina a um ou outro bloco imperialista, ou a esta ou aquela potência regional. Só tem um aliado firme e seguro: a solidariedade internacionalista da classe trabalhadora e da juventude, que com as suas mobilizações massivas nas ruas dos EUA, Reino Unido, França, Alemanha, Estado espanhol ou países árabes, com as ações contra as empresas sionistas, e com a arma da greve, é a única força que está a causar problemas a muitos destes governos e pode forçar o Estado sionista a parar este massacre.

Israel, ponta de lança da extrema-direita mundial

Que a extrema-direita em todo o mundo, de Milei e Trump, até Meloni e Abascal, tenha tomado entusiasticamente a causa sionista, defendendo abertamente o genocídio, não é coincidência. O governo de Netanyahu é o representante mais avançado e brutal desta nova realidade que alguns desde um doutrinismo com vistas curtas, que passa por “teoria marxista”, continuam a desprezar.

Netanyahu e os seus aliados estão a aproveitar a guerra para aprofundar a sua deriva ditatorial e uma militarização ainda maior da sociedade israelita. Distribuíram mais de 30 000 armas a grupos paramilitares de colonos de extrema-direita, não só para golpear a população palestiniana, mas também para enfrentar a dissidência interna, tanto a população árabe israelita como os sectores seculares, de esquerda e feministas que se opõem a esta deriva ditatorial teocrática.

Foi recentemente introduzida legislação no Knesset para permitir que as comunicações de qualquer cidadão sejam interceptadas sem a necessidade de autorização ou controlo judicial, e foi aprovado um regulamento que torna crime o simples “consumo de material terrorista”, sem especificar o que pode ser considerado tal. Trata-se de poder encarcerar pelo uso passivo das redes sociais. Uma regra que, segundo muitas ONGs, significa introduzir a “vigilância do pensamento” no mais puro estilo *orwelliano* e que ainda não tem equivalente em nenhum outro país do mundo.

Por outro lado, desde 7 de outubro, foi proibida qualquer manifestação, protesto ou ação contra a guerra ou que implique mostrar qualquer tipo de solidariedade para com o povo palestino, tendo sido detidas e interrogadas dezenas de pessoas, enquanto marchas de extrema-direita a exigir a expulsão ou o extermínio dos palestinianos foram autorizadas. Proibições endossadas, ao contrário de decisões anteriores, pelo próprio Tribunal Supremo, considerado pela oposição liberal como o último garante da “democracia” contra Netanyahu e seu governo. Agora se vê com clareza também o papel dos tribunais



como parte do aparelho de Estado sionista. Uma grande lição para aqueles da esquerda que continuam a dizer-nos que há que usar o Estado capitalista em benefício do povo.

Este processo de militarização da sociedade está a desviar cada vez mais recursos para a guerra e para o lobby militar num país onde a pobreza e a desigualdade se continuam a alastrar, afetando hoje 30% das crianças, um dos valores mais elevados da OCDE. O próprio governador do Banco Central de Israel já avisou que é necessário conter os gastos não militares, ou seja, os gastos sociais, ao mesmo tempo que aprova um novo orçamento de defesa de 5,5 mil milhões de dólares.

Netanyahu e os seus sócios, como toda a extrema-direita mundial, combinam a repressão contra os direitos democráticos e o belicismo raivosos, com políticas ultracapitalistas para desmantelar os resquícios do Estado social e qualquer tipo de despesa social, impor cortes e privatizações e garantir o grande capital aos empresários com enormes isenções fiscais, subsídios e ajudas. Foi isso que levou Israel na última década a tornar-se um dos países com maior desigualdade e pobreza na OCDE, alimentando a luta de classes dentro das suas fronteiras.

Como já explicámos em declarações anteriores, antes do ataque do Hamas e da atual ofensiva em Gaza, Israel estava a viver os maiores protestos da sua história. Protestos e polarização social alimentados, como noutros países, pela luta contra a extrema-direita mais reacionária, e que se manifestaram mesmo na atitude de milhares de reservistas que se recusavam a servir no exército enquanto Netanyahu se mantivesse no poder.

Esta luta de classes foi evitada a curto prazo pela ofensiva militar e levará tempo a reavivar-se com a mesma potência de antes. Obviamente, o descontentamento segue latente e expressa-se nos protestos em Telavive em frente à casa de Netanyahu, no quartel-general do exército para negociar a libertação dos reféns e na recente manifestação contra o assassinato de três dos reféns em Gaza pelo exército israelita. Mas o problema continua a ser que estas mobilizações, como as anteriores à guerra, não contemplam uma denúncia energética do genocídio contra o povo palestino e da responsabilidade do sionismo na confirmação de um regime de apartheid e de implacável opressão nacional.

A classe trabalhadora, os movimentos sociais e a esquerda militante israelita só poderão enfrentar a ameaça de reação e o sério perigo de uma deriva ditatorial cheia de fanatismo religioso, combatendo em primeiro lugar o seu próprio Estado, o Estado sionista e as suas políticas racistas e colonialistas contra o povo palestino. Enquanto este Estado não for destruído, expropriando a burguesia sionista em primeiro lugar, e a autodeterminação total do povo palestino não estiver garantida, não poderá haver justiça social e os direitos democráticos das massas israelitas oprimidas estarão cada vez mais ameaçados.

A libertação do povo palestino implica lutar pelo socialismo

A luta de libertação nacional do povo palestiniano, a sua luta contra o Estado sionista e as suas políticas supremacistas e colonialistas, foi traída em múltiplas ocasiões e chegou a um beco sem saída como resultado das políticas dos seus dirigentes.

Quando, em 1987, a Intifada, um levantamento revolucionário de massas nos territórios ocupados, encostou o Estado de Israel à parede, despertando, entre outras coisas, a solidariedade ativa de sectores importantes da classe trabalhadora israelita, a direção da OLP conduziu esta batalha ao completo fracasso com os Acordos de Oslo e a solução de dois Estados patrocinada pelo imperialismo estado-unidense e que se tornou uma armadilha letal.

A suposta solução “realista”, que foi defendida como um passo intermédio inevitável em direção à libertação, encurralou ainda mais a população palestiniana em territórios sob a tutela do Estado sionista e, na prática, convertidos em grandes prisões a céu aberto onde os cidadãos são refugiados na sua própria terra.

Este regime de apartheid foi legitimado internacionalmente pela OLP e pela Autoridade Nacional Palestiniana (ANP), que atua como sub-contratada de Israel, assumindo o papel de polícia e reprimindo o seu próprio povo enquanto faz suculentos negócios com a burguesia sionista. O abandono de qualquer perspectiva socialista, subordinando-se à burguesia árabe e à própria burguesia palestiniana, foi a causa deste desastre.

Uma subordinação também praticada pelo Hamas, dependente financeiramente de uma ditadura ultracapitalista corrupta como a do

Qatar, ou do Estado Islâmico burguês do Irão, inimigo jurado do movimento operário e dos oprimidos. Uma alternativa revolucionária e socialista colide inevitavelmente com o programa reacionário e burguês do Hamas, cujos líderes no exílio são altos executivos de empresas que fazem grandes negócios com o Sudão, a Turquia e até o Estado de Israel. O facto de a esquerda militante, palestiniana e internacional, se subordinar acriticamente ao Hamas não ajudará a luta do povo palestiniano, tal como não ajudou no seu tempo a subordinação a Arafat e à OLP.

As posições do Hamas nos últimos anos também têm sido claras, aceitando desde 2017 nos seus próprios estatutos os Acordos de Oslo e a solução de dois Estados, sob as fronteiras de 1967, e negociando em 2021 a sua possível integração na OLP em troca da realização de eleições, mas garantindo que a presidência permaneceria nas mãos do corrupto Abbas, um Presidente que é rejeitado, segundo uma sondagem recente, por mais de 80% da população palestiniana.

Um acordo que foi fechado, mas que Israel bloqueou para continuar com os seus planos expansionistas. Agora, a meio do massacre em Gaza, um de seus principais dirigentes no exílio, Abu Marzouq, número dois da ala política do Hamas, levantou a possibilidade de reconhecer o Estado de Israel. Um reconhecimento implícito do fracasso que foi o ataque de 7 de outubro.

A causa do povo palestino poderá triunfar com a luta de massas, utilizando o instrumento da greve geral, através de comités populares envolvendo todos os oprimidos na batalha, como aconteceu na primeira Intifada, com solidariedade internacionalista, também no interior de Israel, e recorrendo à autodefesa armada baseada na participação e controlo democrático dos trabalhadores e da juventude palestiniana, contra as camarilhas fundamentalistas, cesaristas e corruptas.

A luta pela libertação nacional da Palestina é uma questão de classe e o seu sucesso depende do triunfo da revolução socialista no Médio Oriente. Uma revolução que exige a unidade dos trabalhadores palestinianos, de Israel e do resto do mundo árabe para destruir o Estado sionista e expropriar a sua burguesia, e também para derrubar a burguesia árabe e palestiniana, ligada por uma infinidade de interesses e negócios a Israel, aos EUA e ao Ocidente.

V. I. LENIN (1924-2024). Retrato de um revolucionário

Juan Ignacio Ramos
Secretário Geral da Izquierda
Revolucionaria · Estado espanhol

Há cem anos, exatamente a 21 de janeiro de 1924, Vladimir Ilitch Lenin, o grande teórico marxista, líder do Partido Bolchevique, do Outubro Vermelho de 1917 e da Internacional Comunista, morreu na cidade de Gorky, muito perto de Moscovo.

A figura de Lenin, tal como tem sido projetada ao longo deste século, não é estranha às campanhas difamatórias da burguesia e aos seus meios de comunicação e transmissão cultural, nem ao desenvolvimento dos acontecimentos na URSS após a sua morte.

Apesar das mentiras e distorções espalhadas por fóruns académicos, biografias aberrantes ou artigos recorrentes de jornais que apresentam Lenin como o precursor de uma ditadura sanguinária, e apesar dos colossais recursos que os epígonos stalinistas dedicaram a distorcer o seu pensamento, milhares de revolucionários e uma nova geração que se aproxima das ideias do comunismo compreendem que a sua obra lança uma enorme luz sobre a batalha que travamos neste momento contra a barbárie capitalista.

O seu imenso legado político retrata um comunista a quem *nada de humano lhe era alheio*, parafraseando Marx, e cujo compromisso com os humilhados e explorados o levou a abraçar com convicção uma ética que mostrou a sua superioridade moral: a dos que lutam incansavelmente contra toda a opressão de classe, nacional, de género ou de raça, os que defendem o internacionalismo proletário genuíno e combatem intransigentemente a burguesia

imperialista e a social-democracia militarista.

Lenin ganhou o ódio fanático dos capitalistas e dos servos da ordem burguesa que nunca perdoaram o seu papel decisivo na primeira revolução socialista vitoriosa da história. No entanto, nós, trabalhadores com consciência de classe, só podemos guardar-lhe uma enorme e sincera gratidão.

Um legado imenso

Lenin dedicou mais de três décadas da sua vida à causa revolucionária, e os seus escritos, artigos, obras científicas, cartas e livros ocupam mais de 50 grossos volumes em inglês ou castelhano.

É uma tarefa muito difícil sintetizar a imensidão do pensamento de Lenin e as vicissitudes da sua atividade como militante. Referir-nos apenas aos campos em que desenvolveu a teoria marxista, produzindo obras que continuam hoje a ser referência obrigatória, é uma tarefa complexa.

Nos seus primeiros dias destacou-se com os seus trabalhos críticos sobre ideias anarquistas e populistas (*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*), e abordou aquela que seria a grande tarefa da sua vida para construir o partido revolucionário do proletariado (*Que fazer?; Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*).

O estudo sistemático da Revolução Francesa de 1789-1793, da Revolução Alemã de 1848 e da Comuna de Paris de 1871 foi central para as suas formulações estratégicas mais importantes, destacando a sua rejeição de qualquer forma de colaboração política de classe com a burguesia liberal. A sua posição na Revolução Russa de 1905 e o seu apelo à insurreição armada contra a tirania czarista levaram-no a romper definitivamente com o fundador do marxismo russo, Yuri Plekhanov, e a aprofundar ainda mais as suas divergências com a ala oportunista (menchevique) do POSDR que emergiu da cisão de 1903. Os acontecimentos justificaram a posição de Lenin e do bolchevismo naqueles anos turbulentos (*Um passo em frente, dois passos atrás*, ou *O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa*).

No meio de uma desmoralização generalizada face ao triunfo da contrarrevolução, concentrou todas as suas energias na reivindicação do materialismo dialético, que sempre considerou a pedra angular do socialismo científico e uma constante na educação e formação de quadros e militantes do partido (*Mate-*

rialismo e Empirio-criticismo).

O seu trabalho sobre a questão nacional, numa dura polémica com Rosa Luxemburgo (*Sobre o direito das nações à autodeterminação*), representou um enorme salto em frente na clarificação do programa marxista tanto para os revolucionários das nacionalidades e nações oprimidas como para as potências opressoras. E foi durante a grande convulsão de 1914 que Lenin não hesitou em levantar-se contra a degenerescência oportunista da Segunda Internacional e a sua traição ao socialismo (*O oportunismo e a falência da II Internacional; O socialismo e a guerra*). Nesse período mergulhou nos estudos económicos de Marx e nas suas próprias observações sobre as contradições do capitalismo mundial, para oferecer uma caracterização do imperialismo como capitalismo monopolista de Estado que não foi superado (*Imperialismo, estágio superior do capitalismo*).

Lenin estava no exílio quando eclodiu a Revolução de fevereiro de 1917. Queria acima de tudo voltar à Rússia para entrar em contato direto com os eventos, e assim que chegou a Petrogrado, em abril, mostrou um talento profundo, criativo e extremamente flexível. Polemizando com os “velhos bolcheviques” sobre a natureza da Revolução Russa, Lenin reorientou todo o programa do partido, enfatizando que a fase burguesa da revolução havia sido concluída.

Esta postura implicou um duro confronto com os mencheviques e o Governo Provisório, e a denúncia aberta da colaboração com a burguesia liberal russa e as potências imperialistas aliadas. Lenin levantou com veemência a questão da transferência de todo o poder para os soviets, os órgãos do poder operário que surgiram em fevereiro. Um objetivo que só se poderia alcançar com a revolução socialista.

Os seus escritos de 1917 são uma escola inesgotável de ensino em tempos de revolução, do método dialético de explicar pacientemente as ideias mais complexas, da necessidade de audácia, audácia e mais audácia para conquistar o apoio consciente das massas trabalhadoras e camponesas, da tática e estratégia revolucionárias. *Cartas de longe, As Teses de abril, Conservarão os Bolcheviques o Poder de Estado?; O Estado e a Revolução, O Marxismo e a Insurreição...* e centenas de artigos, proclamações e discursos que se tornaram um turbilhão de propaganda e teoria.

O papel de Lenin na construção do Estado operário e como fundador da Internacional Comunista (IC) consubstanciar-se-ia nos mais importantes decretos do governo revolucionário, nos manifestos e resoluções dos quatro primeiros congressos da IC, e nas polémicas contra os líderes do reformismo e os jovens militantes de esquerda dos recém-fundados partidos comunistas (*A revolução proletária e o renegado Kautsky; Esquerdismo, doença infantil do comunismo...*).

A grande quantidade de material que dedicou aos problemas da construção socialista num país de base social maioritariamente camponesa e sitiado pela intervenção militar das potências imperialistas, merece um estudo atento. Tanto nos debates sobre a formação do Exército Vermelho, e o seu apoio a Trotsky nesta tarefa, como no realismo revolucio-

nário que imprimiu na polémica sobre a paz de Brest Litovsk, no direito efetivo à autodeterminação e independência das nações escravizadas pelo czarismo, às controvérsias sobre a constituição da URSS, Lenin atuou como um professor do marxismo.

Lenin também teve que enfrentar problemas inéditos, que não haviam sido abordados anteriormente pelo marxismo. Os efeitos devastadores da guerra imperialista e da contrarrevolução não podiam ser ignorados. Para além da deslocação da indústria e dos transportes, da escassez e da fome, da redução do número da classe operária e das enormes dificuldades em incorporá-la na gestão do Estado soviético, juntou-se o isolamento da URSS depois das derrotas da revolução na Alemanha, Itália, Hungria...

As condições objetivas eram extraordinariamente complicadas para o florescimento de uma verdadeira democracia operária.

Leninismo vs stalinismo

Num contexto cheio de obstáculos e desânimo, Lenin lavou a cabo recuos táticos de larga escala, como a implementação da Nova Política Económica (NEP), que substituiu o comunismo de guerra. Mas na sua última grande luta, muito menos conhecida por ter sido ocultada durante décadas pelo stalinismo, a honestidade e a profundidade do pensamento leninista brilham com intensidade.

Lenin foi muito claro ao alertar para um tumor burocrático que ameaçava a revolução, e não hesitou em apontar aos quadros do partido a urgência de corrigir o curso que tomavam os acontecimentos.

O seu confronto com Stalin à luz das tentativas deste último de abolir o monopólio estatal do comércio externo, um dos pilares fundamentais do Estado operário; a denúncia do grande chauvinismo russo durante o debate sobre a constituição da URSS e as tentativas de subjugar a Ucrânia e a Geórgia; o bloco com Trotsky diante do iminente congresso do partido e, finalmente, a rutura das suas relações pessoais com Stalin em 1923, após a agressão verbal sofrida por Krupskaya, mostraram um Lenin completamente determinado.

Mas a obra de Lenin foi usurpada pela burocracia stalinista após a sua morte.

Em pouco tempo uma legião de funcionários privilegiados foi encarregada de criar uma escola de falsificação histórica sobre o partido bolchevique e os seus dirigentes. Ao longo dos anos, a tarefa de limar a aresta revolucionária do pensamento leninista nos moldes das novas diretrizes levou à substituição do programa internacionalista do bolchevismo pela caricatura grotesca do “socialismo num só país”.

Em 1926, no auge da luta de Trotsky e de outros destacados bolcheviques (a Oposição de Esquerda) contra a degeneração burocrática do PCUS, Nadia Krupskaya, parceira de vida de Lenin, afirmou que se ele ainda estivesse vivo provavelmente encontrar-se-ia numa das prisões de Stalin. Não foi nenhum exagero.

Enterrar o legado de Lenin não foi de modo algum uma tarefa fácil, exigiu purgas e expulsões em massa, mas sem dúvida os julgamen-

tos de fachada em 1936-1938 e a violência mais cruel dirigida contra aqueles que foram camaradas de Lenin ao longo de décadas, coroaram a traição à revolução. O velho partido bolchevique foi esmagado.

O estudo da obra política e prática de Lenin leva a uma conclusão inevitável: não há nada mais afastado do seu temperamento, ideias e métodos do que Stalin, o líder da burocracia desonesta e alheia ao marxismo se pode apresentar aquele que foi responsável por assassinar a nata do partido bolchevique, do Estado soviético e da Internacional Comunista como o legítimo sucessor de Lenin.

O desaparecimento de Lenin deu origem a um significativo movimento de “canonização” do aparato dirigente, muito útil como preparação para o posterior culto da personalidade na figura omnipresente de Stalin. Quando Zinoviev propôs mudar o nome de Petrogrado para Leningrado, quando se decidiu embalsamar o seu cadáver apesar dos protestos de Krupskaya, a burocracia enveredava por um caminho de rutura com tudo o que Lenin representou em vida.

Muitos levantaram a sua voz contra tais ações, considerando a trajetória simples, austera e humana do dirigente de Outubro.

O poeta Vladimir Mayakovsky denunciou

III Congresso da Esquerda Revolucionária Internacional. HOJE MAIS DO QUE NUNCA, SOCIALISMO OU BARBÁRIE!

Nos dias 8, 9 e 10 de dezembro, com a participação de mais de 220 camaradas do Estado espanhol, Portugal, Alemanha, México e Venezuela, celebramos o terceiro congresso da Esquerda Revolucionária Internacional.

O encontro deste ano teve um significado especial. Após sete meses de obras e muito trabalho, realizamos o nosso Congresso no Espaço Rosa Luxemburgo. Com mais de 350 metros quadrados e com todos os avanços técnicos e visuais, este novo Espaço está pronto para abrigar a livreria da Fundación Federico Engels, debates políticos, escolas de formação marxista, apresentações de livros, concertos e uma atividade cultural diversificada e intensa.

Dias de discussão e militância

Durante estes três dias intensos e emocionantes debatemos perspectivas políticas internacionais e apresentamos relatórios dos diferentes países e frentes da luta de classes em que participamos diariamente. Com mais de 42 intervenções de delegados e convidados, abordamos e analisamos em profundidade os principais acontecimentos políticos, económicos e militares que afetam o capitalismo global.

As relações internacionais estão a sofrer uma mudança sem precedentes desde a queda da URSS. O confronto inter-imperialista pela hegemonia, a derrota que os EUA e a União Europeia estão a sofrer na guerra na Ucrânia e o brutal genocídio sionista perpetrado contra o povo palestino em Gaza são exemplos de um mundo em turbulência e mergulhado num caos violento.

A agressividade do imperialismo estado-unidense que tenta manter a sua posição dominante é a maior fonte de instabilidade global, o que não impede Washington de continuar a recuar em todas as frentes. No domínio económico, a força da China está a consolidar-se, disputando a liderança da globalização e libertando os laços comerciais com uma infinidade de países em todo o planeta. Entretanto, a influência dos Estados Unidos e a sua capacidade de impor a sua agenda estão a enfraquecer.

O capitalismo é um horror sem fim. Genocídio em Gaza e ascensão da extrema-direita

A sessão da manhã de sábado foi dedicada à luta pela libertação nacional e social da Palestina e ao genocídio que o Estado sionista está a cometer em Gaza.

Uma extensa introdução abordou a formação do Estado de Israel em 1948, o papel criminoso do imperialismo estado-unidense e britânico, e também da burocracia estalinista russa pelo seu patrocínio de uma acção que envolveu uma limpeza étnica brutal contra o povo palestino, e o cancro da opressão nacional imposta pelo colonialismo sionista durante décadas.

O novo massacre em Gaza, que está a ocorrer com a aprovação dos EUA, do Reino Unido e da União Europeia, é o resultado de todos estes planos traçados pela chamada Comunidade Internacional e que permitiram que o actual governo supremacista e de extrema-direita de Netanyahu agisse com total impunidade. Pelo seu lado, nem os governos árabes corruptos nem o imperialismo chinês levantaram um dedo para deter Israel, enquanto a ONU mostra mais uma vez a sua impotência e a sua absoluta incapacidade de deter esta atrocidade.

Como comunistas revolucionários defendemos o direito do povo palestino de responder à máquina de guerra sionista com luta de massas, greve geral e autodefesa armada. Mas a libertação da Palestina é impossível sem a revolução socialista, sem derrubar o Estado Sionista e a burguesia israelita e árabe. A luta por uma Palestina socialista, que reconheça todos os direitos democráticos das suas comunidades nacionais, é incompatível com o fundamentalismo integrista e com regimes ditatoriais e teocráticos como o Irão dos Mulás.

Outro aspecto ao qual prestámos muita atenção nas sessões do congresso foi a ascensão da extrema-direita, consequência da aguda polarização social e política que atravessa o sistema capitalista e da profunda crise da democracia burguesa, e que representa uma ameaça gravíssima para a classe trabalhadora e para os direitos democráticos e

certeiraamente a nova liturgia burocrática:

“Concordamos com os ferroviários de Ryzan que propuseram ao decorador que fizesse a sala Lenin do seu clube sem busto ou retrato, dizendo:

‘Não queremos ícones!’ Não façam de Lenin uma imagem.

Não imprimas o seu retrato em cartazes, quadros, bases para copos, óculos, cortadores de charutos.

Não o moldes em bronze. Estuda Lenin, não o canonizes.

Não cries um culto em torno do nome de um homem que toda a sua vida lutou contra os cultos de todos os tipos.

Não comeres com objetos de culto. Lenin não está à venda.”¹

¹ Jean-Jacques Marie, “La revolución rusa”, em *Obras Escogidas*, Ed. Ayuso, p. 392

Lê o artigo completo aqui:



sociais conquistados.

Num cenário em que a social-democracia tradicional está decididamente empenhada na defesa dos interesses do capital, e quando a nova esquerda, surgida na maioria dos casos de grandes mobilizações de massas, falhou ao mimetizar esta social-democracia na procura de um capitalismo com rosto humano, a extrema-direita reforça as suas posições e amplia a sua demagogia populista, sexista, racista e classista.

Sem exagerar, sem subestimar a enorme força objectiva da classe trabalhadora e da juventude, a luta contra a extrema-direita e a reacção não é um aspecto secundário. A luta contra o fascismo será resolvida pela capacidade da vanguarda proletária de construir uma organização revolucionária comprovada com influência real entre as massas.

Construindo a Esquerda Revolucionária

A tarde de sábado e a manhã de domingo foram dedicadas aos extensos relatórios que numerosos camaradas fizeram sobre a nossa intervenção nas grandes frentes da luta de classes.

Na Izquierda Revolucionaria do Estado espanhol participamos e promovemos com todas as nossas forças o movimento contra o genocídio em Gaza, com as greves estudantis organizadas pelo Sindicato de Estudantes e participando e organizando dezenas de manifestações em todo o Estado. Os camaradas portugueses, venezuelanos, mexicanos e alemães também têm estado na linha da frente nesta luta. Especialmente inspirador foi poder ouvir a experiência dos nossos colegas alemães e a batalha que travamos contra a repressão desencadeada pelo Estado e pelo Governo alemão contra as ações de solidariedade com o povo palestino.

A luta de classe feminista e revolucionária contra o machismo, os feminicídios e a lgbifobia continuou a ser uma das princi-

pais frentes de ação de todas as secções da ER Internacional. A nossa plataforma Livres e Combativas que já conquistou grande autoridade no Estado espanhol, também deu passos importantes noutros países como Portugal e México.

Todas as nossas secções têm uma composição claramente trabalhadora. Não falamos da boca para fora, nem em nome de um proletariado que só é conhecido por fotografia. É por isso que no Estado espanhol fazemos parte das principais mobilizações e greves da nossa classe, e conseguimos dar passos relevantes nas nossas posições sindicais.

Fizemos grandes esforços para produzir regularmente os nossos jornais, *El Militante, Militant, Euskal Herria Sozialista, A Centelha, Offensiv...*, com um trabalho incansável no domínio da teoria e a publicação de mais de mil artigos nos nossos sites no último ano, com dezenas de novos livros publicados pela Fundación Federico Engels, destacando o esforço dos camaradas portugueses e alemães que continuaram a expandir o seu catálogo de clássicos marxistas em português e alemão.

O clima de entusiasmo, confiança e determinação em continuar a construir as forças do comunismo revolucionário refletiu-se numa magnífica contribuição financeira de 22.000 euros dos militantes da Internacional que assistiram.

O desenvolvimento deste período turbulento está a testar todas as organizações, incluindo a nossa, e temos total confiança de que seremos capazes de enfrentar o desafio.

Esta é a hora de tomar partido sem hesitações, de construir as forças do marxismo entre a classe trabalhadora e a juventude com determinação e vontade.

Viva o comunismo revolucionário e internacionalista!

Junta-te à Esquerda Revolucionária!

8M | TODAS PARA A RUA: NEM UM PASSO ATRÁS!

Construir um feminismo revolucionário e de classe!

No próximo dia 8 de Março, dia Internacional da Mulher Trabalhadora, temos todas as razões para voltar para as ruas. Com o avançar da crise, é cada vez mais claro para todos que os capitalistas utilizam qualquer oportunidade para fazer regredir os direitos duramente conquistados pelas mulheres trabalhadoras e pessoas LGBTI. E continuam com o mesmo à-vontade perante o aumento brutal da violência contra mulheres cis, trans, negras e imigrantes.

Somos sempre as primeiras a sofrer e com mais intensidade os efeitos das crises. Somos as primeiras expulsas de casa, as que têm de garantir o sustento dos filhos, as que são violentadas e que ficam mais vulneráveis. É exactamente nestes momentos de crise que a violência machista dispara com o aumento dos casos de violência doméstica ou ataques a pessoas LGBTI.

Para poderem fazer frente a esta situação, as mulheres sobretudo trans e imigrantes, são empurradas para a prostituição. Em Portugal, a indústria da prostituição tem disparado nos últimos anos, alimentada por redes de tráfico humano e pela miséria que vivemos.

O país está a consolidar-se enquanto destino de turismo sexual e os seus defensores, capitalistas do turismo e proxenetas, gastam milhões a tentarem convencer-nos que estas mulheres fazem isto porque querem e que estão empoderadas. Além disso, são os mesmos que nos querem impingir a ideia de que somos um país sem racismo!

À classe trabalhadora, às mulheres, pessoas LGBTI e imigrantes não resta outra hipótese que não organizar-se contra a burguesia e os seus lacaios. Por isso, a Livres e Combativas, frente feminista da Esquerda Revolucionária, convida todas a participar no nosso próximo Encontro no dia 2 de março, onde discutiremos a importância de um feminismo revolucionário e de classe e onde iremos discutir a nossa intervenção no 8M deste ano, onde a Livres e Combativas irá levantar bem alto a bandeira do feminismo anti-fascista e internacionalista.

Publicação do livro Reforma ou Revolução

Também é com orgulho que anunciamos que em breve a Esquerda Revolucionária irá publicar o livro de Rosa Luxemburgo “Reforma ou Revolução”.

Rosa Luxemburgo foi uma revolucionária determinada e intransigente que levantou bem alto a bandeira do internacionalismo proletário contra a matança da Primeira Guerra Mundial e em defesa da revolução socialista, desmascarando o oportunismo e reformismo dos partidos sociais-democratas da II Internacional. Travou igualmente uma dura batalha ideológica e organizativa contra o Partido Social-Democrata alemão e, por esta ocasião, pagou com a própria vida.

No entanto, mais de 100 anos depois, as suas ideias e escritos continuam a ser uma fonte de teoria marxista para todos os revolucionários e toda a classe traba-

lhadora. A sua obra mais conhecida, “Reforma ou Revolução” trata brilhantemente a luta que travou toda a vida contra as teses reformistas e de adaptação ao capitalismo que se formaram no seio da social-democracia alemã e é uma obra-prima de economia marxista.

Apesar de todas as transformações do último século, as ideias de Rosa Luxemburgo continuam a ser indispensáveis para responder aos desafios que enfrentamos. Com as suas ideias e exemplo de vida motivava-nos a lutar contra este sistema injusto e opressor não para o reformar mas para o derrubar!

Por isso vamos à luta, nem um passo atrás! Queremo-nos vivas, livres e combativas!

Junta-te a nós no próximo dia 2 de março e vem construir connosco as forças do feminismo revolucionário internacional!

TODAS ÀS RUAS NO PRÓXIMO 8 DE MARÇO!



**ESQUERDA
REVOLUCIONÁRIA**

Junta-te à **ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA** e constrói connosco as forças do marxismo internacional!

www.esquerdarevolucionaria.net • geral@esquerdarevolucionaria.net

[f @esquerdarevolucionaria.centelha](https://www.facebook.com/esquerdarevolucionaria.centelha) [t @EsqRevPT](https://twitter.com/EsqRevPT) [i @esqrevpt](https://www.instagram.com/esqrevpt)

